

**Carta Pastoral de Monsenhor Bernard Genoud,
Bispo da Diocese de Lausanne, Genève e Fribourg**

**Terceiro Domingo da Quaresma
Le 27 Février 2005**

**Propor a Fé
“... Um estado de Espírito”**

Queridos Irmãos e Irmãs a caminho da Páscoa,

“ Jesus, cansado do caminho, quedara-se ali sentado, junto ao poço. Era cerca de meio-dia... Entretanto, chega uma mulher da Samaria, que vinha buscar água. Jesus diz-lhe: “Dá-me de beber”.

Meus caros amigos, raramente tenho visto um texto bíblico tão adaptado à nossa situação de Proposta da Fé como o deste encontro de Jesus com a Samaritana!

Há algumas semanas, nós fazíamos chegar a toda a diocese um documento de referência sobre a planificação pastoral. É certo que alguns, como Jesus, estão “cansados do caminho”! Outros, como a Samaritana, vêm à Igreja sem desconfiarem do seu próprio pedido ou até equivocando-se sobre a sua verdadeira natureza: “Senhor, dá-me dessa água: para que eu não mais tenha sede e que não tenha de vir aqui buscá-la”.

Manifestamente ela não sabe ainda nem a Quem fala, nem o que mendiga! Nós queremos tomar a sério ao mesmo tempo esses cansaços e esses pedidos do mundo, e portanto concentrar os nossos esforços sobre o essencial da missão da Igreja: anunciar Jesus Cristo a todas aquelas e a todos aqueles que andam à procura e que têm tanta necessidade de uma palavra que reconforte, que confirme, que oriente. . .

Para conseguir isso, a nossa diocese empreendeu uma importante reorganização. A escolha pastoral deteve-se sobre as estruturas de unidades pastorais, animadas por equipas pastorais. Escolhemos conservar antes de tudo uma pastoral do tipo territorial, uma “pastoral de proximidade” que permite juntar os fieis no sítio onde eles vivem e onde trabalham, onde têm os seus momentos de lazer, onde sofrem, numa palavra: sobre o parapeito de todos os poços da vida!

E para não esquecer nenhum, favoreceremos também uma “pastoral categorial”, isto é uma pastoral supra regional, cantonal e diocesana, como por exemplo a animação da juventude de toda uma região, as capelanias dos hospitais, do EMS, do mundo das prisões, etc. Para tudo isso, de modo nenhum estamos sozinhos: estamos vitalmente sustentados pela oração, e pela acção indispensável das nossas múltiplas comunidades religiosas, monásticas e apostólicas que mantêm o mundo à sua temperatura normal pelo seu acolhimento e pela sua oferta: uma “pastoral de espiritualidade”.

Assim pois, mais que um método, a Proposta da fé é sobretudo um “estado de Espírito” e isso supõe antes de mais a nossa própria conversão para Jesus, para ter o olhar de Jesus, para viver do Espírito de Jesus e conformar nele todo o nosso agir pastoral.

E que faz Jesus? Ele reconhece o valor da pessoa que está diante dele: as suas competências como as suas possíveis generosidades: “Dá-me de beber”. Ele acolhe também as suas dúvidas assim como as suas legítimas decepções diante do desprezo de que ela se sente objecto por parte do sistema religioso da época: “Como assim! Tu que és judeu, pedes-me de beber a mim, que sou Samaritana?”

Jesus acolhe este sofrimento e as interrogações da Samaritana que são também as mesmas dos homens e das mulheres do nosso tempo! A nossa sociedade sofreu de facto, neste últimos decénios, importantes mudanças: secularização, dúvidas e por vezes decepções dos crentes, baixa das vocações e da prática religiosa, envelhecimento das comunidades religiosas, etc. Mas isso não conseguiu todavia abafar, nem pode fazer-nos esquecer tantas grandezas escondidas, tanta sede de verdade e inimagináveis recursos de generosidade, de solidariedade que nos dão imensa alegria e que são, na Igreja e no mundo, sinais de tanta beleza e de tanta semente d’eternidade!

Desprezar o mundo e os seus tesouros de humanidade, tanto como esquecer tantos entusiasmos missionários, de oração e de oferta muitas vezes escondida: é um insulto a Deus nosso Pai que ama toda a humanidade, como a Jesus Cristo que quer “que nenhuma ovelha fique perdida” Ele que as salvou a todas sobre a árvore da Cruz!

Sim: Tudo acolher com a mesma qualidade de misericórdia de que Jesus deu provas para com a Samaritana, e atrever-se à mesma e paciente catequese que Jesus usa com ela: é tudo o que quer ser uma pastoral da Proposta da Fé! É tão belo ver Jesus que, sem aprovar a situação pessoal da sua interlocutora, não a censura entretanto, mas agarra nela a secreta grandeza e a verdade da sua humilde confissão: “aí, tu dizes a verdade!”

Eis com que Espírito queremos servir a Igreja que existe entre nós e ir para o mundo, feliz por lhe propor o encontro de um Deus capaz de todos os acolhimentos. Por isso também saudamos com entusiasmo tanta boa vontade e tanta criatividade que, na situação actual de “pobreza” suscitaram, em numerosos lugares da nossa diocese, notáveis renovações. Leigos, diáconos e padres meteram mãos à tarefa para reorganizar a pastoral. É aqui que reside a novidade das nossas opções pastorais. Tínhamos culturalmente acolhido a fé de nossos pais; devemos agora propô-la a um mundo que já não a reconhece espontaneamente como seu património mais sagrado. E fá-lo-emos com a clara consciência de responder, como Jesus o faz para a Samaritana, a uma sede ainda ignorada e que nem por isso é menos escaldante!

Mas estamos cheios de esperança, pois sabemos também, cristãos, que o esplendor dos frutos do outono ultrapassará sempre de modo infinito a promessa das flores da primavera.

É finalmente esta dinâmica certeza da fé que arrastou novas maneiras de exercer as responsabilidades pastorais, e exultamos por ver tantos leigos no trabalho,

mesmo se nos inquietamos também pela falta de padres. A próxima formação de equipas pastorais inscreve-se neste espírito de colaboração entre padres e leigos.

Se a última responsabilidade da carga pastoral cabe ao padre moderador, toda a decisão pastoral importante será examinada e debatida em conjunto num espírito sinodal.

Este ano consagrado ao despertar das vocações sacerdotais convida-nos muito particularmente a rezar para que o Senhor envie operários para a sua seara. Não esqueçamos nunca que o ministério ordenado é indispensável, pois ele oferece à Igreja, pelos sacramentos, a presença autêntica do próprio Cristo e a continuação dos seus gestos de salvação.

Repensar a pastoral era coisa necessária, mas o essencial é a garantia da sua fecundidade encontram-se no sopro espiritual, a relação viva com a pessoa de Jesus que nos envia em missão e faz de nós actores da proposta da fé. Por isso, evangelizar e propor a fé, não é apenas ir em direcção aos outros, é antes de mais juntar-se a Cristo, deixar-se habitar por Ele para se tornar refrescante para os outros segundo a sua promessa: “... a água que eu lhes darei tornar-se-á nele fonte que brota para a vida eterna”.

A história da Samaritana deixa-nos maravilhados e inspira-nos: Cristo, pelo seu pedido: “Dá-me de beber” desperta nela uma outra sede, a da Água Viva. Depois, cumulada pelas palavras de Jesus e fascinada pelo seu encontro, ela esquece o seu cântaro na beira do poço e precipita-se para a cidade para aí gritar a sua alegria e a sua esperança: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será ele o Messias?” Esta interrogação está cheia de respeito: ela não impõe, mas propõe a sua certeza e suscita assim o interesse dos seus concidadãos. Depois, como João Baptista, ela não os retém, mas aponta para Jesus. Quanto a eles, diante de um tal entusiasmo, não se deixam bloquear pelos preconceitos e não a julgam sobre o que ela fez da sua vida no passado: eles acolhem o seu testemunho de conversão de hoje. E graças a ela, eles lançam-se para um encontro pessoal também com esse Jesus que ela lhes revelou e é assim à própria Pessoa de Jesus que finalmente eles poderão ligar-se. A narração do Evangelho termina por esta passagem luminosa: “eles diziam à mulher: Não é por causa do que tu nos disseste que nós acreditamos agora; nós o ouvimos nós próprios e sabemos que Ele é, na verdade, o salvador do mundo”.

Que esperança para cada um de nós: apesar das nossas fraquezas e das nossas pobreza, Deus quer fazer de cada uma e de cada um de nós, despertadores, “causadores” de interesse pelo seu Reino e, através de nós, conduzir os nossos contemporâneos ao encontro de Jesus por uma livre aceitação do seu Amor e da sua graça.

Queridos irmãos e irmãs, com todos os responsáveis da nossa diocese, eu vos convido cada uma e cada um a deixar-vos interpelar pelo compromisso imediato da Samaritana que imediatamente vai gritar a sua alegria por ter encontrado

Jesus. Compete-vos a vós agora interrogar o vosso coração para nele descobrir a vossa maneira pessoal de irradiar a vossa felicidade de crentes.

A pergunta é bem simples: “Qual pode ser a minha achega, a minha participação, por mais modesta que seja, na minha paróquia, na minha unidade pastoral e nos seus diversos campos de apostolado?” Responder a esta pergunta e agir em consequência, é isso “Propor a fé hoje”.

Nós que amamos Maria, e que com toda a Igreja vamos também “a Jesus por Maria”, suplicamos-lhe que ajude os nossos esforços. Por ela e com ela pedimos ao Senhor vocações presbiterais e novas forças pastorais. Assim, todo o nosso esforço de Proposta de fé será a ocasião para nós de uma mais profunda conversão a Jesus, e para todos aqueles que reencontrarmos, ela tornar-se-á impulso de graça “A Jesus, por cada um de nós”.

Então, a caminho: Jesus nos espera a cada uma e a cada um sobre o parapeito dos nossos poços... Numerosa e numerosos Samaritanos espeitam também o nosso regresso a eles para serem conduzidos a Jesus e, no seu encontro pessoal, alegrarem-se por sua vez com a salvação do seu Deus!

Bom fim de Quaresma e óptima subida para a Páscoa!

+ Bernard Genoud, évêque de
Lausanne, Genève et Fribourg.